

O escritor brasileiro Cristóvão Tezza comenta o seu último livro, ‘O Filho Eterno’, vencedor do prémio Portugal Telecom e recém-chegado às livrarias portuguesas
Texto **Malu Echeverria** Foto **DR**



Laços de família na literatura

UM ESCRITOR COM MEDO FRACASSA. É o que pensa o brasileiro Cristóvão Tezza, autor do livro ‘O Filho Eterno’, publicado recentemente em Portugal pela editora Gradiva. O romance, com traços autobiográficos, conta a história de um escritor cujo filho nasce com síndrome de Down. Durante duas décadas, entretanto, Tezza evitou tal assunto. Valeu a pena esperar. Embora já fosse um escritor conhecido no seu país, foi quando enfrentou esse ‘tabu’ que conquistou unanimidade entre público e crítica. ‘O Filho Eterno’ recebeu diversos prêmios literários de 2008, incluindo o Jabuti, o da Associação Paulista dos Críticos de Arte (ambos na categoria romance) e o prêmio Portugal Telecom de Literatura em Língua Portuguesa. A espinha dorsal do livro é a relação, ou melhor, a construção do relacionamento entre pai e filho, um tema universal já explorado na literatura outras vezes. Mas engana-se quem pensa que o livro se limita a narrar o drama de ser pai de uma criança com necessidades especiais. Há também humor, política e um toque de poesia. E, apesar do tema delicado, não há espaço para

pieguices. Em entrevista à Mais, por e-mail, Tezza fala - corajosamente - dos limites entre a ficção e a realidade. **QUANDO TEVE A IDEIA DE ESCREVER ‘O FILHO ETERNO’?** A ideia de escrever sobre um tema tão profundamente pessoal levou anos até que me ocorresse como algo plausível. Durante 20 anos imaginei-me incapaz de tocar nesse tema. Mas nos últimos anos, assim que terminei o romance ‘O fotógrafo’ - que afinal é um livro que trabalha quase que exclusivamente com ‘invasões de intimidade’ -, começou a surgir o projecto de enfrentar, enfim, esse assunto, a relação de um pai com um filho especial. Levei mais algum tempo até descobrir o ‘tom’ do livro, o seu registo literário, entre o depoimento, a autobiografia e a ficção, até que me decidi pela ficção, pela terceira pessoa, que me deu uma imensa liberdade. **PORQUÊ?** Porque isso permitiu-me desenhencilhar de mim mesmo, o que era fundamental para o livro dar o salto que deu. Por um truque do olhar, eu me transformei realmente em per-

sonagem, e isso libertou-me - um personagem não é um amigo com quem você tem de medir palavras. **O LIVRO PODE SER CONSIDERADO UMA AUTOBIOGRAFIA? QUAL O LIMITE ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE?** Não, não é uma autobiografia - é uma peça de ficção, um romance fortemente baseado em dados biográficos da minha vida. O tema da fronteira entre ficção e realidade é fascinante. A diferença não pode ser decidida apenas pela quantidade, digamos, de ‘realidade factual’ que uma narrativa contém, mas por princípio na intencionalidade autoral e a relação que o autor estabelece entre o facto, o texto e o leitor. Uma biografia ou uma autobiografia, o que, no caso, dá no mesmo como apropriação da linguagem, é um ‘pacto de realidade’ que está sobre todas as coisas. O género biográfico estabelece um compromisso inquebrável com a realidade factual, que vai até ao detalhe, não pode inventar nada, e deve confessar ao leitor, eventualmente, a ignorância factual deste ou daquele aspecto. Na ficção, o pacto é substancialmente distinto; a narração, por princípio,

está livre do compromisso com a realidade; pode até usá-la, como, aliás, qualquer prosador usa. Praticamente todo texto de ficção trabalha com dados reais, mas não são eles que dão a medida do texto. Na biografia sim, são eles, os dados reais, que são a medida de qualidade principal. Já a ficção é um modo de olhar a vida e o mundo que não se confunde com o olhar científico, pragmático ou objectivo. Costumo dizer que a ficção é uma das formas de reconhecimento do mundo, e que tem o poder de englobar todas as outras - a científica, a filosófica, a religiosa, a documental - sem se confundir com nenhuma delas. **QUAIS AS PRINCIPAIS MUDANÇAS QUE PÔDE OBSERVAR EM RELAÇÃO AO PRECONCEITO DESDE O NASCIMENTO DO VOSSO FILHO, NA DÉCADA DE 80? A VIDA DA CRIANÇA COM A SÍNDROME É MAIS FÁCIL HOJE?** Não sou especialista na área, alguém que conviva diariamente com casos concretos e com dados estatísticos. Mas pela experiência pessoal como pai de uma criança especial, sinto que, no Brasil, houve ao longo dos últimos anos uma melhoria substancial da percepção das pessoas diante dos



‘diferentes’. Isto é, vivemos numa cultura global que enfatiza fortemente o respeito à diferença, e esse discurso maciço acaba por fazer efeito na vida das pessoas. Sim, é muito mais fácil a vida de uma criança com Down hoje. **‘UM FILHO É COMO UM ESPELHO NO QUAL O PAI SE VÊ’, ESTÁ ESCRITO NUMA DAS EPÍGRAFES DO LIVRO. ENQUANTO ESCRITOR, COMO O SENHOR LIDA COM O FACTO DE QUE O SEU FILHO NÃO CONSEGUE LER?** Essa frustração inicial foi sendo substituída por uma percepção profunda do modo diferente como o meu filho se vê a si mesmo e ao mundo. Não é a questão da escrita - que, afinal, é apenas uma técnica de reconhecimento de sinais gráficos - mas o mistério da linguagem que define o mundo. Hoje, não tenho mais nenhum problema com isso, e nos sintonizamos muito bem noutra esfera. **NUMA ENTREVISTA ANTERIOR, O SENHOR DIZ “FOI UM LIVRO QUE ESCRIVI PARA IR QUEBRANDO ‘MODELOS’, POR ASSIM DIZER”. QUAIS OS PRINCIPAIS MODELOS QUE CONSIDERA TER QUEBRADO?** A questão central é o discurso edificante, moralizante ou com toques religiosos, substancialmente falso, com que a sociedade normalmente enfrenta essa questão difícil. É explicável que seja assim - esse discurso é, de facto, necessário, uma espécie de ‘amortecedor psicológico’ para os momentos de choque. Mas a literatura, a ficção, tem a obrigação de ir muito mais longe que isso; ela não é uma actividade pragmática. Ela é, como eu disse há pouco, uma forma diferenciada de reconhecimento do mundo. Nesse sentido, ela tem de quebrar modelos estratificados, lugares-comuns, chavões, discursos meramente utilitários. Outro aspecto importante é que não escrevi uma ‘confissão’ ou realizei uma ‘expição’, como alguém poderia pensar; a literatura não pode ser catarse pessoal. Problemas pessoais nunca dão boa literatura - eles têm de transcender esse limite. E é bom lembrar também que a viagem radical entre um pai com o seu filho especial é o eixo de ‘O filho eterno’, mas o livro não se esgota nisso. Há toda uma história subjacente, na formação do pai e de sua geração, que são fundamentais no romance. **DIANTE DE UM TEMA TÃO DELICADO, HOUVE ARREPENDIMENTO EM ALGUM MOMENTO?** Nenhum. Escrever é uma actividade que sempre me fez bem. E eu senti logo nas primeiras páginas, quando acertei o tom do livro, que eu daria conta do tema. Era só ter paciência e escrever devagar. **O LIVRO É UM SUCESSO DE CRÍTICA E PÚBLICO NO BRASIL. ACHA QUE OS LEITORES PORTUGUESES VÃO GOSTAR TAMBÉM?** Espero que sim. Afinal, Portugal representou muito na minha formação de escritor, num ano fundamental da minha vida. Gostaria muito de voltar e descobrir que tenho leitores, e que de alguma forma a minha literatura os toca. **O SENHOR COSTUMA DIZER QUE UM ESCRITOR NÃO DEVE TER MEDO DE NENHUM ASSUNTO, POIS NÃO? PORQUÊ?** A literatura não é uma actividade oficial, não está ao serviço de nada - a sua importância (uma delas) está no seu poder de liberdade. Podemos escrever tudo. Um escritor com medo fracassa. Não há tema na literatura que não possa ser enfrentado.